



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade UnB Planaltina- FUP
Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC

MARIA PEREIRA DOS SANTOS

**O ENVOLVIMENTO DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS: UM ESTUDO
NO CONTEXTO DA ESCOLA SANTO ANTÔNIO DO VÃO DE ALMAS-GO**

PLANALTINA - DF

2015

MARIA PEREIRA DOS SANTOS

**O ENVOLVIMENTO DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS: UM ESTUDO
NO CONTEXTO DA ESCOLA SANTO ANTÔNIO DO VÃO DE ALMAS-GO**

Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade UnB de Planaltina – FUP/UnB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadoras: Prof^a. Me. Roberta Rocha Ribeiro e Prof^a. Especialista Ana Cristina de Araujo.

PLANALTINA - DF

2015

MARIA PEREIRA DOS SANTOS

**O ENVOLVIMENTO DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS: UM ESTUDO
NO CONTEXTO DA ESCOLA SANTO ANTÔNIO DO VÃO DE ALMAS-GO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade UnB de Planaltina - FUP/UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens, defendida e aprovada em 14 de dezembro de 2015.

Profa. Me. Roberta Rocha Ribeiro (Orientadora UFMS/UnB)

Profa. Especialista Ana Cristina de Araújo (Orientadora/UnB)

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (Membro Interno/UnB)

Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo (Membro Externo/UFT)

Dedico este trabalho a Deus porque sei que foi Ele quem me colocou aqui. Segurou minha caminhada na produção deste trabalho acadêmico para que eu pudesse vencer todos os obstáculos que apareceram nessa jornada. E para exaltar o nome dEle. Tudo está caminhando da forma como Ele determinou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus acima de todas as coisas, pois o louvo por tudo que este é na minha história de vida, por me ter ajudado em todo este curso.

À minha família pelo importante apoio manifestado nesses anos, especialmente aos meus filhos Luana, Josiane, Josué Valdemir, Franciléia e Iara.

À a minha mãe, Júlia, ao meu pai, Luís, pelo esforço de ter cuidado de meus filhos em quanto eu permanecia no curso.

Ao meu esposo, José, que me prestou completa assistência e incentivo em todo curso.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por ter me proporcionado benefícios que me deram condições para realizar ações na escola.

Agradeço às professoras, orientadoras, a saber, Roberta e Ana Cristina por estarem prestando um verdadeiro e constante trabalho de orientação neste estudo. Não me esqueço das vezes que se disponibilizarem de viajarem até a comunidade Kalunga Vão de Almas para acompanhamento do trabalho. Agradeço pelo privilégio de ser orientada por essas educadoras tão sábias e apoiadoras dos seus alunos. Agradeço também a cada educador da Licenciatura em Educação do Campo que compartilhou e contribuiu para minha formação docente.

Agradeço, principalmente, a educadora Rosineide, por ser essa pessoa maravilhosa que é. Sempre que estávamos tristes, ela trazia uma palavra de consolo. E tudo voltava a ficar bem.

A toda equipe de docentes e colaboradores da Licenciatura em Educação do Campo, (LEdoC) pelas suas contribuições, direta ou indireta, na minha formação.

À equipe administrativa e técnica da LEdoC pelos encaminhamentos importantes dados a minha formação.

Agradeço à turma V, Zumbi dos Palmares, todos os meus colegas de curso, pela contribuição e amizade. Entre esses, destaco um carinho especial: Adilene, Dulcimar, Renivam, Esterina, Cassia, Halanna, Niecia, Eva, Valquiria, Lurdes, Raquel, Cristiane, Maria Divina, Ana Lina, Maria Silva, Valdete e Selma.

Ao Altobeli, por ter me acudido sempre que meu computador dava chlique.

Agradeço a Deus por ter o privilégio de me formar com colegas que um dia foram meus alunos: Adão, Eva, Niecia, Romes, Iron, Erildo, Valdir. Um dia fui professora deles e hoje estar me formando com eles é uma alegria imensa.

À Comunidade Kalunga Vão de Almas e à escola onde estou inserida há 19 anos.

À professora Eliete por ter sempre acolhido as mães com suas crianças. se não houvesse esse amparo, apoio e dedicação da professora Eliete, muitas mães hoje não estariam aqui

terminando a sua formação. Só Deus para recompensar o que foi oferecido para todas as mães durante o curso.

À banca examinadora pelo aceite em fazer parte dessa minha conquista.

Fiz uma aliança com Deus: que Ele não me mande visões, nem sonhos, nem mesmo anjos. Estou satisfeito com o dom das Escrituras Sagradas que me dão instrução abundante e tudo o que preciso conhecer tanto para esta vida quanto para o que há de vir.

Martinho Lutero.

RESUMO

O presente trabalho aborda o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos no contexto da Escola Santo Antônio do Vão de Almas-GO. O objetivo da pesquisa é compreender o que ocasionou o desinteresse dos pais na participação da educação escolar dos alunos e propor ações que possibilitem o retorno destes na vida escolar dos filhos. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa em uma perspectiva etnográfica. Para responder aos objetivos propostos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três pais e uma mãe que possuem filhos matriculados no 3º ano daquela escola. Os resultados revelam que os pais valorizam o letramento escolar e sugerem ações a serem realizadas pela comunidade escolar para a aproximação entre família e escola.

Palavras-chave: Envolvimento dos pais. Educação escolar dos filhos. Letramento.

ABSTRACT

This paper discusses the involvement of parents in school life of children in the context of the Escola Santo Antônio do Vão de Almas – GO. The objective of the research is to understand what caused the lack of interest of parents in the participation of school education of the students and propose actions that make possible the return of these in school life of their children. The methodology used was the qualitative research in an ethnographic perspective. To meet the proposed objectives, semi-structured interviews were conducted with three fathers and a mother who have children enrolled in the 3rd year of that school. The results reveal that parents value the school literacy and suggest actions to be taken by the school community for a closer relationship between family and school.

Keywords: Parental involvement. School education of their children. Literacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 MEMORIAL.....	14
1.1 MINHA INFÂNCIA E O INGRESSO NA ESCOLA.....	14
1.2 O DESEJO DE ESTUDAR E A NECESSIDADE DE SAIR DA COMUNIDADE QUILOMBOLA.....	16
1.3 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	24
1.4 REFLEXÕES FINAIS.....	26
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	27
2.1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO: o início da reflexão.....	27
2.1.1 A Licenciatura em Educação do Campo.....	29
2.2 ESCOLA E COMUNIDADE: A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NOS ESTUDOS DOS FILHOS.....	29
2.3 DIÁLOGOS SOBRE LETRAMENTOS.....	31
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO: uma abordagem etnográfica.....	34
3.1 INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	35
3.2 QUESTÕES DE PESQUISA.....	36
3.3 Objetivos.....	36
3.3.1 Geral.....	36
3.3.2 Específicos.....	36
3.4 SUJEITOS DA PESQUISA.....	36
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA.....	38
4.1 A FREQUÊNCIA DOS PAIS À ESCOLA DOS FILHOS.....	38
4.2 A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA SANTO ANTONIO.....	39
4.3 OBSTÁCULOS À PARTICIPAÇÃO DOS NAS ATIVIDADES ESCOLARES.....	40
4.4 DESAFIOS DA ESCOLA PARA GARANTIR A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS.....	41
4.5 DESAFIOS A SEREM SUPERADOS PELOS PAIS.....	43
4.6 COMO OS PAIS VEEM A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA PARA OS SEUS FILHOS.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICES.....	49

INTRODUÇÃO

A comunidade do Vão de Almas está localizada aproximadamente a 80 km da cidade de Cavalcante-GO e no local residem cerca de 250 famílias que formam uma população aproximada de 800 pessoas, as quais pertencem ao quilombo kalunga, constituído de afrodescendentes que se abrigaram nessa região há mais de 200 anos. O principal meio de sobrevivência desses moradores baseia-se na agricultura familiar de subsistência.

A região conta com uma pequena escola que atende a rede municipal e estadual de educação, a saber, a Escola Santo Antônio, onde estudam crianças que cursam o Ensino Fundamental (1ª e 2ª fase).

A problemática deste estudo surgiu a partir da observação da realidade presente na Escola Santo Antônio, no Vão de Almas. Outro aspecto que ajudou a levantar o problema foi o estudo de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), o qual abriu novas possibilidades e reflexões sobre o tema.

Nesse local, quando se passou a oferecer as primeiras aulas aos alunos da comunidade, os pais participavam ativamente das atividades que eram realizadas no espaço educativo. Porém, com o passar do tempo, essa participação foi se tornando cada vez mais decadente, até chegar ao ponto dos responsáveis mal irem à escola para a recepção das notas dos filhos. Nesse sentido, o que se percebe no atual contexto é um desinteresse dos pais com a educação escolar dos filhos.

Assim, o problema de pesquisa que se coloca para discussão é: por que os pais ou responsáveis da comunidade quilombola do Vão de Almas não estão mais participando da educação escolar dos filhos (alunos)?

Este estudo tem grande relevância, justamente por discorrer sobre uma temática bastante expressiva e essencial no meio educacional, a saber, a participação dos pais na educação escolar dos filhos num local onde a escola representa um verdadeiro centro cultural, como aponta Bortoni-Ricardo (2005). A autora ressalta a importância do ambiente escolar para as localidades rurais.

O presente estudo foi motivado a partir da prévia análise da situação vivenciada na Escola Santo Antônio, no Vão de Almas, onde leciono para alunos da 1ª fase do Ensino Fundamental, especialmente após entender que a participação dos pais na educação dos filhos é um aspecto realmente transformador para a vida da família como um todo. Porém, evidenciei que os pais dos alunos perderam muito o interesse em participarem da vida educativa de seus filhos, contudo, esse fator termina por ser fundamentador da busca por uma

explicação que ajude a entender as perdas que contribuíram para o enfraquecimento dessas vivências no espaço escolar.

Para Bortoni-Ricardo (2008, p. 78) “toda a experiência vivenciada [...] deve ser registrada em diários pelo formador e professor em formação e deverá ser socializada em reuniões e oficinas em seminários ampliados”. Esse aspecto exposto pela autora condiz com as atitudes que devem orientar o professor no processo de pesquisa de campo, assim, em busca de entender e atingir os objetivos pretendidos neste estudo, os registros constantes dos fatos serão meios utilizados no trabalho. Nesse ponto, faz-se necessário ressaltar que, no decorrer desta monografia, adotaremos, concomitantemente, a primeira pessoa do singular “eu”, referente às minhas experiências individuais como pesquisadora kalunga, e a primeira pessoa do plural “nós”, para remeter ao labor da pesquisa, em si, que envolve um coletivo constituído por mim, pelos colaboradores da pesquisa e pelas experiências vividas tanto em minha comunidade quanto na LEdoC.

A partir desta proposta, não só será possível a compreensão dos aspectos relacionados ao desinteresse dos pais com a vida escolar dos filhos, como também se poderão levantar questões que ajudem aos professores no processo de construção de uma educação do campo formadora de cidadãos críticos e participativos na transformação do espaço social onde coexistem.

As perguntas desta pesquisa têm como foco principal o problema de pesquisa que se resume na questão: por que os pais ou responsáveis do 3º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Santo Antônio, situada no Vão de Almas (GO), onde trabalho estão participando pouco da educação escolar dos alunos? Outras questões também conduziram este estudo:

- 1) Qual é a importância da participação dos pais ou responsáveis na educação escolar dos alunos (filhos)?
- 2) O que a escola tem feito para possibilitar uma real interação entre pais e professores?
- 3) Quais as contribuições desta pesquisa para a construção de uma nova relação entre os pais e a escola?

No que se reporta às razões do problema da pesquisa, foram levantadas as seguintes ideias: os pais não participam da educação escolar dos filhos devido não entenderem a importância da escola; os pais não participam da educação escolar dos filhos porque recebem muitas cobranças e retaliações dos educadores; a mudança no modo de mobilizar os pais os ajudará a participarem mais da escola.

O objetivo geral do presente trabalho é investigar o que ocasionou o desinteresse dos pais na participação da educação escolar dos alunos e propor ações que possibilitem o retorno destes na vida escolar dos filhos. Os objetivos específicos são: investigar a importância dos pais ou responsáveis na vida escolar os alunos (filhos); perceber quais as iniciativas da escola para possibilitar a real interação entre pais e professores; registrar as contribuições desta pesquisa para a construção de uma nova relação ente os pais e a escola.

O presente trabalho seguiu um cronograma de atividades que abrangeram desde o mês de janeiro do ano de 2015 até o mês de dezembro deste mesmo período, sendo este dividido nas seguintes fases: elaboração do projeto da Monografia, preparação para a apresentação do projeto, apresentação do projeto, realização da pesquisa junto aos pais, o que aconteceu pela pesquisa de campo e utilização do questionário, interpretação dos dados coletados, produção dos capítulos e posterior apresentação da monografia à banca examinadora.

Logo a seguir, serão apresentados: o memorial de vida e de envolvimento com a comunidade kalunga do Vão de Almas e o processo de luta para trazer o ensino e a escola do campo no local, o que contém pontos que ajudam a esclarecer melhor o tema escolhido. Mais adiante é apresentado o referencial teórico e metodológico utilizado no estudo, e por fim, os resultados da pesquisa, análise e discussão das informações coletadas.

1 MEMORIAL

1.1 MINHA INFÂNCIA E O INGRESSO NA ESCOLA

Sou Maria Pereira dos Santos, nasci em 07 de maio de 1975 na comunidade Kalunga do Vão de Almas, localizada a aproximadamente 80 km do Município de Cavalcante -GO. Neste mesmo local, foi onde passei a minha infância e também é onde resido e trabalho no presente momento.

Meus pais sempre trabalharam na roça para tirarem o sustento para casa, eu, por ser a filha mais velha da família, era a que sempre estava junto com eles na lida da roça e na realização dos cuidados relativos à casa (realizava serviços domésticos), além disso, eu auxiliava no amparo aos meus irmãos menores. Minha mãe sempre estava com uma criança nos seus braços, mas nunca deixava de ajudar o meu pai nos serviços pesados da roça, tais como: a capina e o apanhamento de ciscos na lavoura.

Minha mãe ainda ajudava os meus tios a ralar mandioca na meia, ou seja, fazia este serviço para ganhar parte do quantitativo de farinha produzida. É importante ressaltar que nem todos os anos, nós colhíamos a quantidade de alimento suficiente para a nossa despesa diária e mensal, e quando isso acontecia, meus pais trabalhavam para outras pessoas para ganharem o restante do sustento, ou seja, trocavam os seus serviços por comida. Para a minha mãe fazer todos esses serviços, eu era quem assumia as demais responsabilidades/trabalhos de casa e assistia aos meus irmãos, conforme abordei anteriormente.

Ainda menina, eu cuidava da casa e zelava dos meus irmãos, isso enquanto minha mãe fazia outros serviços, como a ação de pegar coco para retirar óleo, produto que seria trocado na cidade por utensílios ou por dinheiro que ajudaria na compra de mantimentos para casa. Quando fazia a colheita da roça, o meu pai sempre saía para a chapada, lá ele ficava cerca de 30 a 40 dias trabalhando para comprar alguma peça de pano e sandálias para vestir e calçar a mulher e os filhos. Isso acontecia uma vez no ano, especificamente próximo à romaria local, quando a maioria dos esposos afastava-se da sua família tendo este mesmo objetivo. Enquanto o meu pai trabalhava fora de casa, a minha mãe ficava em casa cuidando dos filhos e fazendo muitas outras atividades, tais como: fiação de linha e pavio para tecer coberta, elaboração de coxinilho, de rede, de embornal e saco para trazer alguns alimentos da roça.

Quanto ao meu ingresso na escola, saliento que eu fui alfabetizada ainda quando eu tinha 11 anos de idade nessa comunidade, onde vivo até hoje, isso aconteceu através da professora Elizabeth, a qual que veio da zona urbana da cidade de Cavalcante-GO para

promover a educação das crianças no quilombo, esta tinha o Ensino Médio completo. Como esta educadora era da cidade, só conseguiu ficar na comunidade o período de um ano e quatro meses, assim, logo que ela foi embora, o seu lugar foi assumido por uma de suas alunas da 3ª Série do Ensino Fundamental.

Nesta fase, estudávamos pela manhã, sendo que na época não éramos beneficiados com a merenda escolar. Contudo, após dois anos esta professora se casou-se e a sala de aula passou a ser assumida por um senhor que morava em nossa comunidade (1988). Mas, mesmo mudando de professor, continuou o dilema da falta de merenda escolar, e ninguém se mobilizava em busca deste benefício à educação dos alunos do local. Esse professor que assumiu a nossa turma tinha a 3ª série incompleta. Contudo, para estudar nesta fase eu e meus irmãos saíamos de casa bem cedinho, porém só começávamos a estudar por volta das 9h/9h30 da manhã, pois o professor cuidava primeiro de suas atividades, e só após isso é que o mesmo começava a dar suas aulas. Isso acabava por nos prejudicar muito, pois devido a isso tínhamos que ficar estudando até as 15h/16h, deste modo sentia ter que pagar o preço pelo atraso do professor, considerando-se que não tínhamos lanche na escola e quando saíamos da aula para almoçar já estava quase na hora da janta em casa.

Na escola, os alunos mudavam de série de acordo com a terminação de um livro, ou seja, de um módulo. Assim, nós tínhamos de ler/estudar o livro todo para sermos aprovados de um ano para outro. O professor utilizava uma metodologia fechada, colocava sempre o nome dele no caderno dos alunos para estes escreverem, sendo que às vezes os educandos apreendiam a escrever o nome do educador primeiro do que o deles mesmos. Naquela época o aluno não podia falar nada na sala, portanto, o único que tinha o direito de falar e saber era o professor, enquanto o aluno tinha a simples obrigação de apenas ouvir e fazer o que estava sendo mandado. Assim, não era possível dar palpites, e quando não se conseguia realizar a lição era necessário passar por um terrível castigo, o qual enfrentei na pele, sendo que cheguei a levar varada na cabeça e ser colocada de joelho exposta ao sol ardente.

Lembro-me também que dos três professores com os quais eu estudei na comunidade do Vão de Almas, nenhum deles chegou a marcar um só encontro ou reunião com os pais dos alunos. Só hoje percebo a importância e a necessidade de estar sempre tentando mostrar a relevância que os pais têm dentro do ambiente escolar dos seus filhos. Analiso também que aqueles pais que participam mais das reuniões escolares referentes à educação de seus filhos, auxiliam a estes a terem maior facilidade em aprender o que é ensinado em sala e a respeitar e ter um bom relacionamento com o educador. Então, tem uma diferença grande dos pais que participam com os que não participam. Assim, se os pais não estiverem por perto, acredito

que fica bem mais difícil a aprendizagem dos filhos, sendo preciso a participação de todos no processo educativo. Enfim, resalto que estudei até a 4^o série do Ensino Fundamental em minha comunidade de origem.

1.2 O DESEJO DE ESTUDAR E A NECESSIDADE DE SAIR DA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Na época a comunidade só contava com uma escola que ensinava o Ensino Fundamental até a 4^a série. Desse modo, por eu ter muita vontade de continuar os meus estudos, surgiu a necessidade e o desejo de sair para estudar e trabalhar para ajudar meus pais. Fui para Brasília com uma prima que já trabalhava lá, logo arrumei um emprego, mas como eu tinha vindo da roça e não sabia fazer quase nada, a patroa me propôs pagar somente meio salário mínimo, tendo a condição de eu trabalhar durante o dia e estudar à noite, isso se eu quisesse a vaga. Eu disse a esta que eu tinha ido para trabalhar e estudar, então, a patroa e eu fomos a algumas escolas para ver se conseguíamos vaga para o período noturno. Porém, somente foi possível encontrar vaga no Colégio Classe da 113 Sul, contudo, ao surgir a necessidade de entregar uma transferência da escola onde eu estudava na zona rural para esta nova escola, descobri que pelo fato do professor da antiga escola (comunidade do Vão de Almas) registrar os dados dos alunos em seu caderno, não havendo Secretaria de Educação para efetuar este trâmite, não tinha nenhum comprovante referente ao meu grau de escolaridade.

Então, a equipe da Secretaria de Educação da 113 Sul decidiu que eu teria que passar por um teste para verificar a minha aprendizagem. Eles marcaram o dia eu fui para fazer a avaliação, porém eu não consegui nada. Nesse momento, eu vi que todas aquelas caminhadas que fiz, que permitia com que eu ficasse quase o dia todo na escola e com fome, não me adiantaram quase nada, visto que tive que recomeçar da primeira série do Ensino Fundamental para que eu pudesse aprender o que não havia aprendido até ali, pois eu não sabia ler com pontuação e nem escrever, o que eu sabia pelo menos um pouco era realizar as operações de soma e de multiplicação. Eu trabalhava o dia todo fazendo serviços domésticos nos quais eu desenvolvia ações como: cozinhar, lavar, passar e arrumar casa. Quando a noite chegava eu tinha o tempo livre para estudar.

Saliento que foi muito difícil para mim, principalmente o começo da minha vida em Brasília, sendo que na época eu tinha de 13 a 14 anos, nunca tinha morado noutra cidade e nem estudado com pessoas de cultura totalmente diferente da que eu estava acostumada.

Nesta fase, na sala que eu estudava eu era a única negra, e neste contexto havia muitas pessoas legais, mas também havia outras que me discriminavam, chamavam-me de negrinha e burra, pois achavam que eu não sabia de nada. Apesar das críticas, a professora sempre me mandava ir ao quadro fazer as continhas de multiplicação e divisão, que por força do destino eu conseguia desenvolver melhor do que eles, aspecto que fazia com que a professora me elogiasse, visto que eu conseguia acertar as operações.

Essa jornada de serviço e escola durou quatro anos e meio, pois eu queria muito estudar e trabalhar para ajudar aos meus pais com aquilo que eu pudesse nas despesas da casa, isso tudo para mim era um sonho. Apesar destas lutas, eu ainda conseguia visitar a minha família duas vezes no ano e aproveitava esta ocasião para levar a esta alguns alimentos, roupas e sandálias. Quando chegava essa data de ir à comunidade ver meus familiares eu ficava feliz da vida, pois me sentia bastante comovida por estar encontrando-os novamente. Então, em julho de 1995 terminei a 5º série do Ensino Fundamental em Brasília e resolvi voltar para a comunidade do Vão de Almas para me casar com um rapaz da comunidade, com o qual vivo até hoje.

Após chegar à comunidade alguns pais procuram-me, e perguntaram-me se eu queria dar aula no local, foi aí que eu passei a me interessar ainda mais pela área da educação. Chamei todos aqueles pais que estavam com seus filhos fora da sala de aula para conversar. Após essa conversa foi decidido que eu faria uma lista contendo os nomes das crianças que iriam estudar nessa escola, caso a mesma fosse criada nesta comunidade. Nesta lista tivemos o total de 25 alunos, de modo que os pais destes afirmaram que se a escola saísse os mesmos iriam colocar os filhos nesta para estudarem.

Assim, em outubro de 1995, eu, o meu pai e o meu tio fomos juntos até a Prefeitura de Cavalcante (GO) para conversar com o prefeito daquele período a respeito de criação de mais uma escola na comunidade do Vão de Almas, a fim de que esta pudesse atender à necessidade das crianças que se encontravam fora da sala de aula. No decorrer da conversa o prefeito nos disse que não havia verba suficiente para a construção de uma escola no local, mas que no mês de janeiro do ano de 1996 era para nós voltarmos à prefeitura para termos uma resposta definitiva sobre a possibilidade de atendimento ao pedido.

Então, no final de janeiro de 1996, eu e meu esposo (José) fomos conversar com o prefeito mais uma vez, e ele nos disse novamente que não havia possibilidade de se criar mais uma escola no Vão de Almas. Porém, nós falamos para ele que se o problema fosse a falta de local para o começo das aulas para atender a demanda daquelas crianças que estavam sem estudo, nós iríamos ceder a nossa casa, após ouvir isso o prefeito me perguntou: “você quer

ser a professora da desses alunos?” Eu respondi a este que eu só tinha a 5ª série (Ensino Fundamental), porém este me falou que eles tinham professores que somente possuíam a 2ª série, a partir disso, eu respondi que queria sim ser a professora desta turma. O prefeito pediu de antemão que eu e o meu esposo escolhêssemos um nome para a escola; assim, nós escolhemos o seguinte nome: Escola Santo Antônio, isso em homenagem a um santo que é cultuado em nossa região (chamado Santo Antônio), nomenclatura esta que prevalece até os dias de hoje.

A criação da Escola Santo Antônio se deu a partir do interesse dos pais e principalmente da necessidade observada em relação às crianças que tinham vontade de estudar, mas não tinham onde realizar isso. A comunidade contava com três salas de aula para a rede municipal e uma escola para a Estadual, de maneira que era muito cansativo para crianças tão pequenas andar distâncias de aproximadamente 2,5 km, sendo que estas enfrentavam o tempo chuvoso, e os muitos perigos para atravessarem os rios. Diante destas dificuldades citadas, houve a necessidade de criar mais uma escola, a fim de se pudessem diminuir os transtornos vivenciados por estas crianças. Muitos pais agradecem até hoje pela iniciativa tomada por mim e o meu esposo de ter colocado a nossa casa à disposição da prefeitura e em benefício aos estudos de seus filhos, isso serviu por 17 anos na comunidade. Não fizemos isso não foi simplesmente porque queríamos ganhar um salário mínimo, que naquela época valia R\$ 96,00, mas por amor à nossa comunidade e ao desejo de promover a educação no local.

A partir do acordo com o prefeito de Cavalcante, este solicitou que eu retirasse uma cópia dos meus documentos para que eu já fosse contratada. Após toda parte burocrática resolvida, pegamos um pouco de material escolar como: giz, cadernos, lápis borracha e um quadro negro, tais materiais ficavam sob a minha responsabilidade e de meu esposo, de forma que sempre tínhamos que levá-los por nossa conta até a comunidade. Na época era muito difícil chegar com essas coisas até o local onde íamos iniciar as aulas (em nossa casa), pois não éramos beneficiados com nada, sendo que de um lado eu ia ganhar um salário mínimo, mas o meu esposo, que era obrigado a carregar a merenda andando 18km, nada ganhava. Essa trajetória durou cerca de três anos. Nossa comunidade na época passava por muitas dificuldades, inclusive não tinha uma estrada para acesso, e tudo que precisava era levado no lombo de um animal que adentrava o cerrado abaixo de um sol ardente. O aspecto relacionado ao fato do meu esposo José carregar todos os materiais para a escola, sem receber pelo serviço, foi decidido pelo prefeito, apesar disso, para não deixar a educação parar, o meu esposo em momento algum deixou de carregar a merenda em seu próprio animal.

Chegando à comunidade, o primeiro passo foi chamar os pais para dizer que tudo tinha dado certo e que os seus filhos, a partir daquele momento, iam ter uma escola para estudar. Os pais aplaudiram a conquista. Na época não tinha como levar as carteiras para que os alunos se acomodassem, pois não havia estrada para passagem de carro na comunidade. Então, a sala da minha casa se tornou uma sala de aula cheia de camas feitas de tabocas.

Foto 1 – Início do meu trabalho como professora, na minha própria casa.



Fonte: Foto de Hugo Prestes¹

Para que cada aluno se acomodasse e pudesse escrever estes se sentavam nas camas e colocavam o caderno em seus colos. No primeiro ano, iniciei as aulas com uma turma de 20 alunos que foram matriculados na primeira série do Ensino Fundamental, sendo que no decorrer de cada ano eles iam passando de uma série a para outra, o que fez tornar as turmas multisseriadas. Nas escolas existentes na comunidade nunca havia reuniões escolares com os pais de alunos, porém, nesta nova escola resolvi fazer diferente; assim, a cada bimestre eu chamava os pais dos alunos para conversarmos sobre os seus filhos, e com isso, esses pais foram observando que a escola Santo Antônio estava sendo diferente daquela escola antiga que existia na comunidade, visto que era uma escola mais participativa, desse modo, muitos pais foram transferindo os seus filhos para a escola Santo Antônio. Em pouco tempo a minha

¹ Foto cedida pelo autor.

sala já não estava cabendo os alunos. Então, quando chegou o período da seca, os alunos e nós decidimos fazer um barracão de palha, o qual passou a comportar todos os alunos, pelo menos até a chegada do tempo chuvoso, assim, ao chegar a turma, tornávamos para o apertadinho da sala.

Foto 2 – Escola funcionando em barracão de palha, construído pelos pais dos alunos



Fonte: Foto de Hugo Prestes²

² Foto cedida pelo autor.

À medida que a quantidade de alunos aumentava, nós ficávamos alegres e ao mesmo tempo tristes, pois o espaço que havia não era o suficiente para tantas crianças, e ainda tinham os agravantes de minha falta de experiência e a falta de suporte da secretaria de educação que nunca havia visitado o local para assistir aos trabalhos. Esses fatores dificultavam a situação para mim. Nos primeiros quatro anos era eu quem fazia a merenda escolar no fogão a lenha, pois a prefeitura não havia cedido o fogão a gás para a escola. Para tal trabalho eu nada ganhava.

No início do ano de 1999, cheguei a trabalhar com 60 alunos em minha pequena sala de aula. Contudo, chegando ao meio do ano eu percebi que as aulas não estavam tendo o rendimento esperado, visto que trabalhar com 60 alunos numa sala e ainda de forma multisseriada não era nada fácil. Então, recorri ao prefeito pra ver o que ele poderia fazer para solucionar este problema de modo a não prejudicar o ensino desses alunos, porém este disse que no momento ele não poderia fazer nada.

Na época nós não sabíamos como cobrar os nossos direitos, assim, eu fui para a comunidade pensando o que eu poderia fazer para encontrar uma saída que se pudesse melhorar o ensino nesta escola, a única opção encontrada foi a de eu trabalhar em dois períodos, sendo a 1ª e a 2ª série no período matutino, e a 3ª e a 4ª série no período vespertino. Contudo, eu continuaria a ganhar um salário mínimo, como se eu tivesse trabalhando somente um período, isso perdurou por mais três anos. Nesta fase eu não tinha tempo nem para cuidar de meus filhos, exercia a função de merendeira, faxineira, coordenadora, diretora e por fim o de professora, que era meu real papel, sendo que no trabalho escolar não tínhamos o acompanhamento de nenhum órgão gestor do município. É relevante considerar que nesta época o dilema da falta de merenda escolar era frequente e continua até os dias de hoje.

Em 2000, saiu o programa do Ministério da Educação (MEC) chamado Programa de Formação de Professores em Exercício (Proformação)³, em que todos os professores leigos que estavam na sala de aula e que tinham a função de auxiliar de ensino, teriam de concluir o

³ Programa do Ministério da Educação (MEC), instituído a partir de 1999 com o objetivo de acabar com a figura do professor leigo (sem qualificação pedagógica). Trata-se de um curso de nível médio, com habilitação em magistério, na modalidade de educação à distância, que utiliza a estrutura da TV Escola para promover a formação e a titulação destes professores. O Proformação foi idealizado para atingir prioritariamente as Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, locais onde existe um número alto de professores leigos, a maior parte sem o Ensino Fundamental (antigo 1º grau). O curso proporciona a professores sem habilitação que atuam nas quatro séries iniciais e classes de alfabetização das escolas da rede pública o domínio dos conteúdos do Ensino Médio e a formação pedagógica necessários para a melhoria da qualidade de sua prática na sala de aula (MENEZES, 2001)

Ensino Médio em Magistério, conforme o acordo de participação nº 04/ 2000, o qual integra o programa de formação professores leigos em exercícios – Proformação - MEC/SEED/ SEF/ ESTADO DE GOIÁS.

Assim, estudávamos nas férias no município de Monte Alegre de Goiás (GO), com encontros quinzenais em Cavalcante (GO), tendo um tutor que nos acompanhava todo mês e fazia as correções dos cadernos de exercícios durante o curso todo. Para mim isso foi muito bom, mas como eu só tinha, naquela época, concluído a 5ª série (Ensino Fundamental) foi um pouco difícil entender as matérias, mas como eu já estava na sala de aula, mesmo com as dificuldades de leitura e de escrita, eu consegui terminar em dois anos o Ensino Médio. Hoje, apesar de tantas lutas enfrentadas para concluir o ensino básico, encontro-me no último semestre da faculdade.

Em 2000, nas proximidades de minha casa, o prefeito que ganhou a eleição do referido ano, a saber, Eduardo Coimbra Passos (já falecido) construiu um prédio de alvenaria com uma sala de aula, uma minicantina e um minidepósito de livros. Em maio de 2001 o colégio foi inaugurado e minha casa deixou de ser a sala de aula.

Foto 3 – Oficina de Letramentos na Escola Santo Antônio, com dona Dainda, Ledoquianos e professora Roberta



Fonte: Arquivo da autora

Foto 4 – Horta da Escola Santo Antônio – em construção



Fonte: Adão Fernandes

Entretanto, em março de 2003, com abertura da 5ª série na Escola Santo Antônio, a sala foi cedida mais uma vez para a Prefeitura. Neste período, passaram a atuar as seguintes professoras: Alexandrina, Wanderléia e eu, Maria Pereira. Eu e a Alexandrina trabalhávamos mais um período, além do contrato vigente pela manhã, mas não recebíamos um salário por esse trabalho, apenas uma gratificação no valor de R\$ 120,00 em cima do nosso vencimento. O prefeito disse que como nós já trabalhávamos pela prefeitura não tinha como dobrar o nosso salário, mas essa gratificação ajudaria a cobrir o serviço.

Em 2004, fomos contratadas pelo Estado. No decorrer dos anos, os alunos foram sendo aprovados de uma série para a outra, e o espaço para agasalhar os mesmos foi ficando cada vez menor. Diante disso, resolvemos convidar os pais para ajudar-nos a fazer um barracão, que pudesse comportar todos os nossos educandos. Os pais nos deram o maior apoio nisso. Marcamos logo uma data para tal ação, estes compareceram e ajudaram a repartir

o local em duas salas. Um lado foi utilizado para lecionar para alunos da 6ª série e o outro ficou para ser usado pelos alunos que, no ano seguinte, iniciariam a 7ª série.

Em 2008, a comunidade tomou a decisão eleger um representante para o local, a saber, o meu esposo, conhecido como José de Marisa. Então, a partir dessa escolha, tudo começou a mudar porque hoje somos beneficiados com uma estrada, com uma escola que atende aqueles alunos, e com um micro-ônibus. Anteriormente, a comunidade sempre elegia representantes que residiam na zona urbana. Eleger alguém que conhece a nossa realidade foi a alternativa mais acertada, pois muita coisa passou a mudar para melhor. Reforço que os vereadores da cidade só nos enxergavam na época das eleições, fora isso eles nunca olhavam para a nossa comunidade.

1.3 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Em 2002 terminei o Proformação, que compreendia o Ensino Médio e o Magistério, mas só depois de sete anos (2009) é que fiz o primeiro vestibular para ingressar na terceira turma do curso de Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade de Brasília (UnB), porém tive dificuldades e não consegui ser aprovada nesta tentativa. Graças a Deus, em junho de 2011, a UnB disponibilizou novamente um vestibular para este curso e por fim eu consegui chegar lá. Não foram poucos os desafios enfrentados e que ainda estou enfrentando, mas vejo que a LEdoC tem enriquecido a minha vida profissional, ou seja, a minha atuação como educadora do campo. Sou grata a esta instituição de ensino pela oportunidade concedida a mim, pois quando eu imaginava que não teria mais chances de ingressar na faculdade, as portas da educação e do crescimento pessoal me foram abertas.

Hoje estar fazendo um curso de nível superior é uma superação. Estou cursando o último período do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) pela Universidade de Brasília (UnB), isso para mim foi um sonho que eu nunca pensei que um dia poderia ser realizado. Percebo uma grande mudança que está acontecendo em minha vida através dos estudos. Os moradores do campo precisam muito de ter pessoas com um curso desses, sei hoje que fazer uma faculdade é um direito nosso, mas devemos agradecer muito às pessoas que deram seu sangue para que nós hoje pudéssemos estar aqui. Se não fosse a luta dos povos do campo e da classe trabalhadora não teríamos chegado até aqui. Quando me casei logo tive meus filhos, e se eu tivesse que pagar uma faculdade nunca teria feito um curso como este, pois teria que tirar do meu sustento e do sustento de minha família para tal feita, assim, abordo que esse programa foi uma conquista para os Kalungas.

Eu sei que a melhor coisa que aconteceu para nós do povo kalunga do campo foi a qualificação dos professores através do curso LEdoC, pois todos os Kalunga hoje estão tendo oportunidade de fazer um curso numa das melhores instituições de ensino superior do país, a Universidade de Brasília (UnB). Hoje tenho certeza que nós pertencentes às comunidades quilombolas, através do curso de LEdoC estamos construindo maior possibilidade de acesso a uma universidade, pois hoje muitos jovens da minha comunidade já estão ingressando no ensino superior.

Quanto a mim, eu sempre sonhei que um dia eu iria ingressar numa universidade, tal sonho havia se tornado para mim um pesadelo, isso porque a cada dia que passava menos eu acreditava na realização do mesmo. Só que esse sonho hoje se tornou em realidade.

Na LEdoC aprendi muitos valores que poderão ajudar na minha atuação docente na Escola Municipal Santo Antônio, comunidade kalunga do Vão de Almas. Hoje, eu consigo repassar aos alunos e aos demais professores, que ainda não estão cursando a faculdade, um pouco dos conhecimentos adquiridos nos quase quatro anos de curso. Juntos, aprendemos a valorizar a cultura kalunga e os saberes do campo, pois estamos conseguindo adaptar os aprendizados que os alunos trazem da casa deles aos aprendizados da escola. Dessa maneira, a Educação do Campo, que começou a ser praticada na comunidade que pertencço, ganhou uma nova forma, pois estamos conquistando a visão de que o rural é tão importante quanto o urbano.

Foto 5 Eu e meus ex-alunos no ato de encerramento do curso de Licenciatura em Educação do Campo



Fonte: Arquivo da autora

1.4 REFLEXÕES FINAIS

Enfim, ao fazer o curso de LEdoC me sinto bem mais preparada para dar continuidade aos meus trabalhos como docente em sala de aula. Observo que hoje posso fazer um trabalho com mais segurança, e a ideia de inferioridade diminui a cada conquista, sinto que este curso permitiu a construção da liberdade e da igualdade não só a mim, mas a todos àqueles que fazem parte da comunidade kalunga. Analiso que a partir de LEdoC contribuirei muito para formar alunos cidadãos críticos e que passem a conhecer e a lutar pelos seus direitos.

Hoje, estou aqui me formando junto com pessoas de minha comunidade, sendo que por mais difícil que foi, venci meus desafios. Sei que o meu processo de alfabetização e realização do ensino básico foi trabalhoso, mas cheguei até aqui vitoriosa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO: o início da reflexão

A história da Educação do Campo está ligada à história da luta dos movimentos sociais do campo. A proposta da Educação do Campo é constituir escolas que percebam o conjunto de saberes dos camponeses relacionados às suas identidades. A partir das aulas, e das leituras orientadas pela Profa. Dra. Mônica Castagna Molina, na disciplina Escola e Educação do Campo II, no oitavo semestre da Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC, pode-se perceber que é papel dos professores do Campo serem intelectuais orgânicos da classe trabalhadora. Esses intelectuais somos nós, que somos parte dessa história. Entendemos que a escola do campo é a produção do conhecimento dos trabalhadores.

A Escola do Campo é aquela onde os estudantes realmente têm acesso a uma formação para vida; ela trabalha não só na teoria, mas também com a prática e a própria realidade da comunidade. Ser educador do campo é realmente trabalhar com cada uma das dificuldades dos educandos, valorizando sua tradição e os conhecimentos trazidos de sua família, isto é, ampliar os conhecimentos adquiridos e trabalhar o currículo ligado à realidade da comunidade.

Os aprendizados adquiridos na comunidade, na Escola Santo Antônio e nas aulas da LEdoC ajudam-nos a perceber que nenhuma escola consegue desenvolver um trabalho se não houver uma coletividade, possivelmente nada na educação terá avanços. Então, a escola do campo surgiu para ensinar outras práticas pedagógicas. Isso contribui com a formação no campo de sujeitos conscientes, que têm uma visão diferente e um novo projeto de construção de um mundo em que as pessoas saibam lutar por uma política pública que garante a democratização dos direitos, inclusive o da educação.

A Educação do Campo trabalha com questões que ajudam os educadores em formação no processo de construção de uma educação (trans)formadora de cidadãos críticos e participativos na transformação do espaço social. O projeto da LEdoC é ajudar a construir escolas do/no Campo. A escola no Campo significa a presença física do ambiente escolar, e a escola do campo apresenta uma metodologia que trabalha a partir da realidade dos alunos, da família, da cultura e da identidade camponesa. De acordo com Fernandes et al (2004, p. 27): “não basta ter escolas *no* campo; queremos ajudar a construir escolas *do* campo, ou seja, escolas com um projeto político-pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo”.

A Educação do Campo nos ensina que somos formados para fazer a diferença nas nossas comunidades e escolas, formando sujeitos para lutar juntos por um espaço onde

possamos cobrar nossos direitos, porque os direitos são para todos. É por isso que não devemos permitir o fechamento das escolas do campo, pois elas são parte dessa construção. A comunidade e a escola devem se unir na luta pela garantia das políticas públicas, e isso inclui a luta pela escola. Na comunidade Vão de Almas, de 2014 a 2015 foram fechadas duas escolas, sob alegação do poder público de que havia poucos alunos, mas nós entendemos que tal atitude é uma política de redução de quadro de funcionários.

A Educação do Campo é transformadora também no sentido de oferecer as primeiras oportunidades para os camponeses terem acesso à universidade, com direitos como bolsa alimentação e alojamento. Assim, a LEdoC trabalha a favor da classe trabalhadora e reconhecemos que esse curso foi o único que nos amparou e incentivou a dar continuidade na nossa formação.

Para Caldart (2012, p. 261)

Ainda que a Educação do Campo se mantenha no estrito espaço da luta por políticas públicas, suas relações constitutivas a vinculam estruturalmente ao movimento das contradições do âmbito da Questão agrária, de projetos de agricultura ou de produção no campo, de matriz tecnológica, de organização do trabalho no campo e na cidade... E as disputas se acirram ou se expõem ainda mais quando se adentra o debate de conteúdo da política, chegando ao terreno dos objetivos e da concepção de educação, de campo, de sociedade, de humanidade.

Para entender melhor a Educação do Campo, principalmente como prática dos movimentos sociais camponeses, é importante situá-la no mesmo campo de luta pelo acesso à educação pública. Nesse sentido, buscamos o conhecimento da sociedade brasileira como forma de valorizar todos os espaços camponeses. Esta luta se constrói a partir de enfrentamentos à classe hegemônica e exige cada vez mais análises da realidade, visando alcançar uma vida digna para toda a sociedade camponesa, que inclui agricultores, ribeirinhos, extrativistas, pescadores, seringueiros, indígenas, quilombolas, assentados e demais pessoas ligadas à luta pela terra.

A Educação do Campo precisa ser construída e reconhecida como política pública nacional que contemple a formação de professores e garanta condições de formação sem retirar os sujeitos do campo.

Oliveira e Campos (2012, p. 237) situam a educação como direito de todos ao acesso e à permanência na escola, consagrada na Constituição brasileira (art. 206), que indica a

necessidade de elaboração, financiamento, implementação e avaliação de políticas mantidas pela União, estados e municípios. Para Brandão (2010) pode-se compreender que a integralização da realidade dos moradores do campo no contexto da educação do campo deve de fato ser a maior preocupação no processo de produção de conhecimento. Pistrak (2000) *apud* Brandão (2010) observa que na Educação do Campo deve-se efetivar a transformação relacionada à construção de práticas pedagógicas que sejam capazes de trazer para o momento atual a possibilidade da produção material daquilo que os sujeitos camponeses vivem para o espaço da sala, ou seja, para o espaço do ensino do campo.

Molina (2010), Brandão (2010) e Caldart(2012) ensinam que a Educação do/no Campo precisa compreender em seu currículo pedagógico os saberes da comunidade camponesa, sua cultura, história e a diversidade de conhecimento do povo camponês.

2.1.1 A Licenciatura em Educação do Campo

A Licenciatura em Educação do Campo é um curso da regular da Universidade de Brasília, que acontece na Faculdade UnB de Planaltina, iniciado em 2007. O curso licencia em Educação do Campo e o educando pode escolher entre as habilitações de Linguagens ou Ciências da Natureza e Matemática⁴. Os licenciados podem atuar nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio e gestores de processos comunitários.

Esta pesquisa nasce da minha habilitação na área de Linguagens, pois os aprendizados construídos nas aulas, somados aos conhecimentos da minha comunidade e escola me ajudaram a perceber o meu problema de pesquisa e buscar contribuir para a transformação da minha comunidade.

O curso segue a Pedagogia da Alternância, que se divide em Tempo Universidade (TU), que é quando os sujeitos camponeses vêm para a universidade ter aulas com os professores, e o Tempo Comunidade (TC), que é quando eles voltam para as comunidades para realizar tarefas orientadas pelos professores.

O curso é diferenciado por dar a oportunidade a quem realmente é do campo, como esta pesquisadora, que se não houvesse esse curso não teria ingressado no ensino superior. O objetivo da LEdoC é formar professores do campo para viver e atuar no campo.

2.2 ESCOLA E COMUNIDADE: a participação dos pais nos estudos dos filhos

⁴ A LEdoC está em fase de implementação de um novo Projeto Político Pedagógico que separa a área de CIEMA em Ciências e Matemática, ou seja, essas duas áreas são separadas.

Segundo Pezzini e Szymanski (2014) existe uma grande necessidade de que os pais participem de palestras oferecidas por profissionais capacitados dentro dos parâmetros da educação. Do contrário, estes não reconhecerão a responsabilidade de participarem da formação escolar dos filhos. Essas autoras também ressaltam que a participação da família na escola pode fazer com que os alunos passem a melhorar o modo de enxergar o meio escolar onde estudam, sendo possível que os mesmos passem a observá-lo como sendo agradável e útil para suas vidas. Esse contexto tem importante contribuição para a fundamentação do saber social do aluno.

Para Fiale (2014), a participação dos pais no processo educativo funciona como um complemento essencial para o bom desempenho do ensino dos filhos, ao passo que a decadência disso tende a resultar em prejuízos para a formação cidadã dos educandos.

[...] quando as crianças recebem um bom estímulo de casa, quando os pais acompanham todo o processo de educação, ajudando no dever de casa, comparecendo às reuniões e sempre mantendo contato com os professores, essas crianças tendem a obter um melhor desempenho escolar. Já quando os pais são ausentes, ou quando a criança tem um vínculo familiar ruim, ela pode apresentar auto-estima prejudicada e distúrbios na aprendizagem (FIALE, 2014, p. 3).

Ainda no ponto de vista de Fiale (2014), a ausência dos pais na educação dos filhos impulsiona a constituição de um ser retraído, ou seja, de um aluno com a autoestima e aprendizagem prejudicadas.

Fiale (2014) aponta a escola como uma instituição social com maior atuação no processo de educação dos indivíduos, contudo, a família também tem relevante influência na mediação entre o sujeito e a sociedade.

A necessidade de acompanhamento da família na educação é registrada pela Constituição de 1988, em seu artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado **e da Família**, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2010, p. 56).

O Ministério da Educação - MEC orienta a relação dos pais com a escola, na cartilha *Como participar da vida escolar de seus filhos*, publicada em 2008. É orientada nesta cartilha a constante visita dos pais ao ambiente escolar, além do diálogo com os outros pais e a participação nas reuniões promovidas pela escola (BRASIL, 2008).

Para Neto et all (2010), a ausência do acompanhamento dos pais na educação dos filhos tem gerado nestes últimos o desinteresse pelo aprendizado, o que pode resultar na evasão escolar. Nesse sentido é visto que as famílias devem ter uma enorme participação na vida escolar de seus filhos. Vale ressaltar que as escolas do campo tem a necessidade de desenvolver o ensino a partir da realidade dos educandos, levando em consideração o conjunto de saberes que circula na comunidade.

Dessa forma, percebemos que tem de haver uma grande fidelidade e apoio dos pais com seus filhos. Porém, vivenciamos que quando a família acompanha o processo educativo dos filhos a facilidade deles de aprender e envolver nos estudo são bem maiores, ou seja, quando os pais dão apoio os resultados obtidos são mais significativos.

2.3 DIÁLOGOS SOBRE LETRAMENTOS

As formas de letramentos não estão inteiramente ligadas à agência oficial de letramento, no caso a escola, mas também existem outras formas que comportam esse termo e que são exercidas pela sociedade, pela igreja, pelas pessoas de um determinado local trabalho e pela família do educando. A família mais uma vez é destacada como uma agência que colabora para a construção do saber do sujeito, de forma que o conhecimento e a cultura que esta transmite são também chamados de letramento (ROJO, 2009).

Conforme Rojo (2009), a escola é uma instituição que complementa aquilo que o educando trouxe de seu meio social, de modo que o alfabetismo relaciona-se com o conhecimento da linguagem escrita e ou da fala padrão. A família contribui com a sua forma de letramento para a formação social dos educandos, pois não existe somente o letramento formal escolar, mas há muitos letramentos que a própria instituição familiar pode ajudar os filhos a construir.

Segundo Magalhães (2012), o letramento pode ser vivenciado de diversas formas. Isso porque o letramento acontece a partir dos gêneros textuais, como bilhete, telefonema, e-mail, etc. Ainda segundo autora, a leitura e escrita podem ser abordadas de vários modos. O letramento não pode ser retirado do contexto histórico nem das práticas culturais e sociais. Magalhães (2012) destaca a ideia de Fingeret (1983): realmente quem não sabe ler procura alguém que saiba quando recebe um bilhete, isso é uma forma de trocas de conhecimentos, ou seja, de letramentos. Essa questão é chamada por Baynham (1995) de mediadores do letramento, que são “pessoas que tornem suas habilidades de letramento disponíveis a outros, em base formal ou informal, para que possam realizar propósitos específicos de letramento” (MAGALHÃES, 2012, *apud* BAYNHAM, 1995, p. 39).

Street (2014) aponta dois modelos de letramento: o autônomo e o ideológico. No modelo autônomo de letramento o conhecimento dos sujeitos é descontextualizado e a escola é a principal agência valorizada. Já o modelo ideológico apresenta a escola como **um dos** espaços de letramento, pois os demais conhecimentos que os sujeitos possuem são percebidos também como formas de letramento, sem haver uma avaliação de aspectos positivos ou negativos no conjunto de conhecimentos construídos no meio social e cultural.

O acesso a diferentes tipos de letramento permite às pessoas circularem em vários espaços. Na nossa sociedade o letramento é considerado uma forma que faz o sujeito pensar na sua importância em diversos momentos.

Segundo Magalhães (2012), o letramento apresenta uma nova concepção de mundo e compreende a leitura e a escrita relacionadas à vida dos sujeitos. O letramento está em todos os espaços, e as pessoas expressam seus letramentos de acordo com sua tradição e cultura, pois o letramento não está associado só à escrita e à leitura. Ele é vivenciado oralmente e tem um enorme significado em nosso cotidiano e para a nossa comunidade.

Para Kleiman (2005, p. 5-6), letramento se refere aos usos da língua em diversos contextos sociais, e não apenas na escola. Para esta autora, a língua escrita está em todos os lugares, tais como: “no ponto de ônibus, anunciando produtos, serviços e campanhas; no comércio, anunciando ofertas para atrair clientes, tanto nas pequenas vendas, como nos grandes supermercados; no serviço público, informando ou orientando a comunidade”.

Kleiman (2005) aborda a leitura e a escrita como parte da vida social. Isso nos faz perceber o letramento na vida dos sujeitos de Vão de Almas, em especial da comunidade kalunga, que por séculos viveu longe da escrita e leitura, mas criou outras formas de letramentos para sobreviver, entre esses se pode considerar: a feitura de objetos artesanais, como peneira, tapiti, cangaia, quibano, mão de pilão, pilão, concha/colher de pau, gamela, balaio de taboca, cobertas, redes de tecelagem, cochinil, potes, botijas, panelas, etc.

Kleiman (2005) associa o processo de aprendizagem à vida em sociedade. Diante disso, o professor pode adotar estratégias capazes de fazer os estudantes mergulharem no mundo da leitura e da escrita não somente na escola, mas em vários espaços da vida social, pois estes dois elementos estão em todos os lugares e nas diversas formas de produção da vida.

Ao fazer um diálogo com o que Kleiman (2005) diz, é possível analisar que em relação à temática deste estudo, que trata do envolvimento dos pais na educação dos filhos, o letramento tem completa relação com as vivências neste espaço, visto que a escola ocupa uma

posição de destaque na comunidade, sendo a leitura e a escrita algo valorizado e considerado elemento básico para a compreensão de muitos acontecimentos diários.

Os letramentos vivenciados na minha comunidade constituem a minha própria identidade, eles também me ajudam a perceber problemas que precisam ser superadas na minha comunidade. A LEdoC, por outro lado, me proporcionou acesso a letramentos que fortaleceram a minha identidade e me trouxeram conhecimentos novos para lutar pelo nosso povo.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO: uma abordagem etnográfica

Conforme Gil (2010), a classificação de uma pesquisa é importante, especialmente pelo fato de cada método ajudar o pesquisador no processo de tomada de decisão e elaboração de soluções diante dos problemas que estão sendo investigados. Nesse sentido, Gil (2010) considera que cada tipo de pesquisa tem sua singularidade.

Para que se possa avaliar a qualidade dos resultados de uma pesquisa, torna-se necessário saber como os dados foram obtidos, bem como os procedimentos adotados em sua análise e interpretação. Daí o surgimento de sistemas que classificam as pesquisas segundo dos dados (pesquisa quantitativa e qualitativa), o ambiente em que são coletados (pesquisa de campo ou de laboratório), o grau de controle das variáveis (experimental e não experimental), etc (GIL, 2010, p. 28-29).

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, em uma abordagem etnográfica, pois eu sou uma pesquisadora kalunga, inserida na comunidade Vão de Almas e na escola Santo Antônio – onde esta pesquisa é realizada. Nessa perspectiva, é importante destacar que a pesquisa qualitativa na utilidade do método da etnografia tem grande aplicação no contexto da pesquisa de um professor que se torna um pesquisador. Isso ocorre devido ao fato da respectiva metodologia comportar a investigação das relações humanas nos diferentes contextos (BORTONI-RICARDO, 2008).

A etnografia possui como eixo o trabalho de campo. No meu caso, eu vivo em campo, ou seja, estou constantemente inserida no contexto de pesquisa, o que reforça o caráter etnográfico deste trabalho.

A pesquisa etnográfica tem origem na Antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para a descrição dos elementos de uma cultura específica, tais como comportamentos, crenças e valores, baseada em informações coletadas mediante trabalho de campo. Foi utilizada originariamente para a descrição das sociedades sem escrita. Seu uso, no entanto, foi se difundindo e nos dias atuais é utilizada também no estudo de organizações e sociedades complexas. As pesquisas etnográficas contemporâneas não se voltam para o estudo da cultura como um todo nem são desenvolvidas necessariamente por pesquisadores estranhos à comunidade em que o estudo é realizado.

Por eu ser remanescente de quilombola e morar na comunidade Kalunga, luto pela transformação da educação associada à vida e aos valores do povo do campo. O fato de eu ter me tornado uma pesquisadora da comunidade resultou em uma boa recepção pelos sujeitos da

pesquisa e também uma incessante reflexão sobre o meu objeto de estudo, pois além da vivência na comunidade, sou professora da escola onde pesquiso. Este trabalho me relevou a importância de ser uma pesquisadora da própria comunidade. Por isso, só tenho a agradecer ao povo que lutou para que os camponeses tivessem acesso à Educação.

Foi por meio dessa vivência que pude perceber o meu problema de pesquisa, que também é um problema da comunidade. Assim, é importante entender a Escola Santo Antônio do Vão de Almas como um todo, que precisa ter uma relação coletiva com todos os moradores locais. Porém, para que essa unidade escolar continue tendo significado para a comunidade, é preciso valorizar cada sujeito quilombola em seu modo de viver, mostrando que cada um deles faz parte desse contexto do jeito que são. Não adianta ninguém querer mudar suas tradições, pois suas crenças fazem parte de sua identidade.

3.1 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Este trabalho apresenta os seguintes instrumentos de pesquisa: observação e realização de entrevistas semiestruturadas. Cumpre dizer que a abordagem etnográfica e o viés qualitativo são as bases da percepção do problema, geração e análises dos dados. Para Gil (2010), na pesquisa etnográfica, a observação e a entrevista são os principais instrumentos utilizados para contemplar os objetivos da pesquisa.

A observação, por sua vez, é compreendida como uma forma pela qual o pesquisador obterá um contato direto com o público que está sendo pesquisado, aspecto que permite a obtenção de informações relevantes que estão inseridas no contexto de vivência dos sujeitos analisados (GIL, 2010).

Nesta pesquisa, a observação esteve presente no decorrer de todo o trabalho – de forma fluida – o próprio problema de pesquisa nasceu das minhas observações na condição de professora quilombola Kalunga. Eu me senti incomodada pela ausência da maioria dos pais na vida escolar dos alunos matriculados no 3º ano da Escola Santo Antônio. Portanto, não irei detalhar um momento específico de observação na pesquisa, pois ela perpassa todo o estudo. A minha forma de compreender o problema de pesquisa e o jeito de fazer as leituras e as análises se construíram nessas observações.

No que diz respeito à entrevista, Gil (2010) aborda que esta pode ser muito bem empregada no processo de pesquisa etnográfica, de maneira que diferentes formas podem conduzir a coleta de dados. Neste trabalho utilizamos a entrevista semiestruturada porque ao mesmo tempo em que orienta a pesquisa de acordo com os objetivos, permite ao sujeito entrevistado liberdade para se posicionar a respeito da temática em questão.

Devido às dificuldades no uso das tecnologias digitais, recorreremos a uma das mais antigas e usuais tecnologias para registro dos dados: a escrita. As entrevistas foram realizadas com cada sujeito individualmente e transcritas por mim, observando fielmente as respostas dadas pelos sujeitos às perguntas de pesquisa.

3.2 QUESTÕES DE PESQUISA

Este trabalho se constrói a partir das seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Qual é a importância da participação dos pais ou responsáveis na educação escolar dos alunos (filhos)?
- 2) O que a escola tem feito para possibilitar uma real interação entre pais e professores?
- 3) Quais as contribuições desta pesquisa para a construção de uma nova relação entre os pais e a escola?

3.3 OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa foram construídos de acordo com as nossas questões de pesquisa.

3.3.1 Geral

Compreender o que ocasionou o desinteresse dos pais na participação da educação escolar dos alunos e propor ações que possibilitem o retorno destes na vida escolar dos filhos.

3.3.2 Específicos

- a) Investigar a importância dos pais ou responsáveis na vida escolar os alunos (filhos);
- b) Perceber quais as iniciativas da escola para possibilitar a real interação entre pais e professores;
- c) Registrar as contribuições desta pesquisa para a construção de uma nova relação ente os pais e a escola.

3.4 SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na Escola Santo Antônio, no 3º ano do Ensino Fundamental. Em um total de 5 pais⁵ dos alunos da turma em questão, entrevistamos 4. Os pais entrevistados são todos nascidos e moradores da comunidade Kalunga Vão de Almas.

Os sujeitos da pesquisa são homens e mulher que moram na comunidade Kalunga Vão de Almas e têm filhos que estudam na Escola Santo Antônio, matriculados no 3º ano. Escolhemos essa turma porque atuo nela na condição de professora, e tem me angustiado a dificuldade de uma relação mais próxima entre pais e a escola. Entrevistei quatro pessoas, sendo uma mulher e três homens. Antes de realizar as entrevistas, fui à casa de cada um dos colaboradores e lhes expliquei sobre o tema que estava estudando e a sua relevância para a escola e comunidade.

As pessoas pesquisadas possuem entre 20 e 40 anos e todos estão em união estável com seus conjugues. Em relação à raça dos entrevistados, 50% declararam-se negros e 50% pardos.

Quanto à escolaridade, a maioria desses sujeitos (75%) possui o Ensino Fundamental incompleto e 25% não frequentou a escola. Cem por cento dos sujeitos da pesquisa são lavradores, e a maioria dele (75%) sobrevive com menos de um salário mínimo por mês, advindas do Programa Bolsa Família, do Governo Federal. Um colaborador afirmou que não recebe nenhum benefício governamental.

⁵ Usamos o termo pais para nos referirmos aos pais e/ou às mães.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, fazemos a análise dos dados obtidos no decorrer da pesquisa e o diálogo teórico com as questões discutidas. Esta pesquisa foi realizada na Escola Santo Antônio, Vão de Almas, município de Cavalcante-GO, em setembro de 2015. Apesar de delimitar a data das entrevistas, a pesquisa se inicia bem antes com a minha constatação da ausência dos pais nas atividades escolares e no desejo de entender e contribuir para a diminuição dessa distância. As entrevistas, realizadas nas casas dos colaboradores, seguiram um roteiro previamente elaborado, composto por onze perguntas, cujo documento está anexo neste trabalho.

4.1 A FREQUÊNCIA DOS PAIS À ESCOLA DOS FILHOS.

Neste item tratamos da frequência dos pais à escola dos seus filhos, a partir das seguintes perguntas: 1) Você costuma ir à escola onde seu filho estuda? 2) Com que frequência você vai à escola de seu filho? Por quê? 3) Qual a última vez que você participou de uma reunião na escola? Com essas questões pretendemos entender o porquê dos pais terem se ausentado das reuniões escolares.

Em relação à primeira pergunta cem por cento dos entrevistados afirmaram que costumam ir à escola onde seus filhos estudam. Quando perguntamos com qual frequência os pais costumam ir à escola, a mãe D respondeu: “quando os professor chama que da para i eu vo”; o pai D respondeu de forma semelhante: “As veiz sempre que chama a gente vai”. Este pai acrescentou a sua motivação para ir à escola: “é pra ver os que os professo tem para falar dos fios da gente”. Essa também é a motivação dos pais J e JJ: “As veis sempre que chama a gente vai, praque a gente precisa saber como eis ta na escola” (PAI J); “sempre vou para sabe cuma ta o fios na escola” (PAI JJ).

A nossa vivência na comunidade e atuação na escola permite-nos afirmar que apesar de os sujeitos da pesquisa declararem participar sempre das atividades escolares isso não corresponde à realidade do conjunto de pais, que muitas vezes deixam de participar das atividades, embora sejam convidados.

Ao perguntamos aos pais quando foi a última vez que se dirigiram à escola pretendíamos perceber se as respostas de fato se comprovavam a participação deles nas atividades escolares dos seus filhos. O pai D disse que a última vez que foi à escola foi em 08 de setembro, enquanto que a mãe D, pai J e pai JJ foram, pela última vez, em 11 de junho. Isso revela que esses três pais, embora tivessem afirmado participar das atividades sempre que

são convidados, faltaram à reunião de setembro. Entendemos que é necessário maior empenho dos pais para se fazer presentes na vida escolar dos filhos.

Fiale (2014) aponta que há uma grande necessidade do acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos. Portanto, é necessário que os pais, apesar de outros afazeres, se programem para participar desses momentos.

4.2 A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA SANTO ANTÔNIO

Neste item, analisamos as respostas às seguintes perguntas: 1) Você já foi convidado para ir à escola acompanhar o aprendizado de seu filho? Sim ou não?; e 2) Quem fez o convite e de que forma este foi feito? Com essas perguntas pretendemos descobrir se a escola realmente incentiva os pais a participar das reuniões escolares.

No tocante à primeira pergunta cem por cento das pessoas entrevistadas afirmaram que já foram convidadas para acompanhar o aprendizado de seus filhos. Acreditamos que a escola também possua seus limites, mas há uma tentativa de diálogo com os pais que nem sempre se concretiza, pois esses, às vezes, priorizam outras atividades. Compreendemos que não é uma obrigação dos pais apenas mandar os filhos para a escola, eles também são responsáveis pelo acompanhamento, seja nas atividades seja em reuniões de pais.

Carvalho (2004) afirma que uma das formas de os pais interagirem com a escola é ajudando os filhos a fazer suas atividades de casa. Por meio dessa atividade, os pais podem analisar como estão sendo trabalhados os conteúdos e dar um acompanhamento adequado.

Embora pouco estudado, ou problematizado, o dever de casa é uma prática cultural que há muito integra as relações família–escola e a divisão de trabalho educacional entre estas instituições. Pode ser visto como uma necessidade educacional, reconhecida por pais e professores, sendo concebido como uma ocupação adequada para os estudantes em casa; pode ser considerado um componente importante do processo ensino–aprendizagem e do currículo escolar; e pode ser concebido como uma política tanto da escola e do sistema de ensino, objetivando ampliar a aprendizagem em quantidade e qualidade, para além do tempo espaço escolar, quanto da família, visando estimular o progresso educacional e social dos descendentes (OLIVEIRA, 2004 p. 94).

Entretanto, não basta aos pais esse acompanhamento das atividades, também faz parte das suas atribuições a participação nas reuniões promovidas pela escola, pois, nesses momentos, eles contribuem para que os filhos tenham maior interesse de aprender.

Em relação à pessoa que fez o convite para as reuniões, em geral ele é feito pelos professores, conforme fala dos pais e mãe de alunos: “algum dos professo falo para mim

memo” (PAI D); “os professo da escola, Rita e Mariza, foi recado e carta” (mãe D); “os professo e recado também” (PAI J); “os professo” (PAI JJ). São muitas as tentativas dos professores em dialogar com os pais, mas nem sempre há o mesmo envolvimento por parte desses. Brasil (2008) orienta os pais a ler e responder os bilhetes enviados pela escola o mais rápido possível.

Grande parte dos pais dos alunos da Escola Santo Antônio possui um letramento não escolarizado. Percebe-se que este letramento faz muita falta na vida deles, porque quando recebem uma carta ou um bilhete e quando seus filhos ainda não sabem ler, precisam ir à casa de um vizinho que possui um letramento escolarizado para ajudá-los a ter conhecimento da mensagem. Mas isso não significa que estes pais não tenham um letramento, uma vez que eles possuem sim o letramento da cultura e tradição.

Magalhães (2012) aponta que existem vários letramentos, um deles é o bilhete, uma das formas de letramento mais presente na comunidade kalunga, utilizado, inclusive, no diálogo entre escola e família.

4.3 OBSTÁCULOS À PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NAS ATIVIDADES ESCOLARES

Neste item, vamos analisar quais são os obstáculos encontrados pelos pais na participação das atividades escolares realizadas na escola que seus filhos estudam. Perguntamos-lhes quais os principais obstáculos encontrados no momento de participar das atividades que a escola promove. O pai D apontou como uma das dificuldades o fato de a escola fazer o convite de última hora, quando ele já tem assumido outros compromissos: “As veiz quando o aviso chega já é no oto dia, as veiz precisa viajar ou já ter cumbinado alguma coisa mais outra pessoa, a vez de ir é por isso”. Para o pai J esse também é um motivo que impede a maior participação na escola: “as veiz é um poco cumpricado praque quando eu recebo o aviso eu já tem uma ota coisa pra faze. Eu acho que us professo avisa já muncho in cima e aí a gente acaba num podeno indo”. A mãe D tem dificuldade porque “muncha vez no dia a gente num vai porque num sabe o dia, as veiz o dia que falo meu fio perdeu a escola e aí a gente num sabia”.

Entendemos que a comunicação apenas por meio do bilhete é insuficiente, mas, devido a morarmos longe uns dos outros, somado a isso o fato de na comunidade não possuir energia elétrica, internet ou possibilidades coletivas de acesso ao telefone, acaba sendo essa a única forma de contato entre a escola e a comunidade.

Os motivos apontados pelos pais são os convites feitos de última hora e apenas por bilhete, geralmente enviados por meio dos alunos. Entendemos que para fazer uma realidade nova da integração escola e comunidade é necessário haver empenho de ambas as partes. É necessário que os responsáveis pela escola também entendam quais as dificuldades que ela pode amenizar em relação à presença dos pais na escola.

O pai JJ diz: “pur a educação dos meus fios eu faço tudo para que eis no dia de amanhã eis tenha um futuro”. Ele associa a sua participação ao sucesso dos filhos. Percebemos que a escola precisa pensar juntos com esses pais uma forma que nenhum venha a ficar prejudicado em relação às reuniões. Por exemplo, a escola poderia, no início do ano, entregar aos pais um calendário com todas as datas definitivas das reuniões escolares para o ano letivo. Isso ajudaria os pais a se programarem com maior antecedência.

A partir das abordagens feitas por Kleiman (2005) sobre várias formas de letramento, percebi na resposta do pai JJ o reconhecimento da importância do letramento escolar na vida dos filhos, pois o pai sonha com um futuro melhor para seus descendentes. O contato com o letramento escolarizado desse pai durou apenas seis meses, apesar disso, ele valoriza o acesso ao letramento da escola, pois entende que ele faz diferença na vida de qualquer sujeito.

4.4 DESAFIOS DA ESCOLA PARA GARANTIR A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

Neste item, vamos analisar quais os desafios que a escola deve assumir para garantir o acompanhamento dos pais à vida escolar dos filhos. Para isso, partimos das seguintes questões: 1) Você acha que a escola incentiva os pais a participarem da educação dos filhos na escola? Se sim, de que forma?; 2) O que você acha que a escola pode fazer para melhorar a participação dos pais na vida escolar dos filhos?

Em relação à primeira pergunta, o pai D nos respondeu que “tem uns professo que chama muito, mas otos a gente nem sabe se trabaia nesse imprego”. Pai D está se referindo ao fato de ter muitos professores que convidam para reuniões, mas outros não costumam fazer o mesmo, o que indica um distanciamento desses pais. Entendemos que é papel da escola continuar buscando diálogo com os pais para que eles percebam-se parte do ambiente onde seus filhos estudam.

A mãe D explicou: “os professor que meus fios estuda sempre ele fala pra nós assistir a aula, mais como tem muncho fio as veiz num dá”. Compreendemos que o fato de possuir filhos em séries diferentes demanda muitos momentos para participar das reuniões. A escola precisa pensar em alternativas que possibilitem a participação desses pais. Ela poderia, por

exemplo, mudar as reuniões para os finais de semana, pois os pais estariam mais livres para participar.

Brasil (2010) afirma que os pais são os primeiros responsáveis pelo bom rendimento na vida escolar dos filhos, pois quando os pais se envolvem os alunos veem a preocupação deles com o seu desenvolvimento. Sabemos que não é fácil os pais se deslocarem de suas casas até a unidade escolar, mas se eles soubessem como o rendimento é positivo nenhum pai ficaria longe da escola.

Na avaliação do pai J, houve mudanças negativas na forma de organização das atividades: “Eu acho que tem umas coisas que sim antes era bem mió do que hoje”. A partir das nossas observações e vivências na comunidade e escola, entendemos que a fala de pai J deve-se ao fato de antes haver uma participação maior dos pais durante as reuniões, embora não houvesse um espaço físico adequado para as reuniões. Hoje, mesmo com mais facilidade em termos de estrutura, há uma menor participação.

O entrevistado J nos declarou que alguns pais são sempre chamados, mas nem sempre comparecem às reuniões: “Sim, alguns pai é sempre chamado, mais as veiz num vai”. A escola também tem um papel importantíssimo de procurar saber o porquê de os pais não terem comparecido à reunião. Muitas vezes não sabemos o motivo, talvez até por doença ou viagem não recebem o aviso, ou até mesmo pela distância não comparecem à reunião.

Ao perguntarmos o que a escola poderia fazer para melhorar a participação dos pais na vida escolar dos filhos, o pai D respondeu que os professores devem tratar dos assuntos escolares dos seus filhos somente com eles. Devem chamá-los à escola e avisá-los sobre qualquer coisa que acontecer. “É cunvessar mais com os pais memo e deixar de ficar cumentano as coisas que eis apronta prus zoto. Eu as veis fico muncho zangadao com essa coisa ai desse jeito” (PAI D). Nesse sentido, os educadores não devem faltar com a ética na relação com os alunos e seus pais. Devem usar o bom senso em tudo e saber como agir diante de qualquer problema escolar. Cumpre ressaltar que Brasil (2008) orienta os pais a participar das reuniões dos filhos e dar suas opiniões no que pode ser mudado em relação ao que não lhes agradam.

A mãe D disse que, apesar de ser convidada, às vezes não é possível comparecer devido à longa distância entre sua casa e a escola e o fato de precisar preparar a alimentação dos seus filhos: “os professo bem que chama todo pai, mais as veiz num dá pra gente tá indo. Eu moro muncho longe da escola e tem de cunzinhar pra hora que eis chegar cumê”. Esta

mãe nos mostra que as reuniões não podem ser no mesmo período das aulas, como acontece, pois isso dificulta a sua presença nessas atividades.

Na concepção do Pai J, as reuniões devem ser marcadas com mais antecedência para que possa acompanhar mais de perto a vida escolar dos seus filhos. “É tá avisano a reunião com mais dia e tá chamano os pai mais” (PAI J). Para o Pai JJ, os professores devem respeitar mais os alunos, trabalhar mais a realidade na qual estão inseridos, e trazer também outros ensinamentos, fazendo da escola um espaço vivo, onde eles possam ter voz, obter e transmitir conhecimento.

É primeiro us professor respeitar mais os aluno ensinano pra eis num só o que eis manda mais tamêm ensina eis otos ensinamentos onde eis possa tar respeitando mais os professo e até que eu acho que escola tem que ensinar os aluno não só a ler e escrevê, mais ensinar para a vida (PAI JJ).

Quando a família interage na educação, o retorno que obtemos é agradável, pois os pais são os responsáveis pelo futuro dos filhos.

4.5 DESAFIOS A SEREM SUPERADOS PELOS PAIS

Perguntamos aos pais o que eles poderiam fazer para participar mais da educação escolar dos filhos. A intenção era ajudá-los a perceber quais limites existem e como podem ser superados para uma presença mais efetiva deles na escola. Os pais, ao olharem para os seus limites, ajudam-nos também a perceber que, algumas vezes, a escola é responsável pela ausência deles. O pai D, por exemplo, sugere que as reuniões sejam realizadas com os dois turnos juntos, pois isso facilitaria a presença dos pais em um só momento. “Eu quero participar direto, ta faltano é us professo é memo maicar a reunião junto, igual uns fazia primeiro e porque eu tem fio cedo e de tarde”.

A separação a que o pai se refere é que a escola em um período funciona pelo município e em outro pelo estado, e como a maioria dos pais tem filhos nos dois turnos, a escola precisa organizar as suas agendas e realizar as reuniões em um só turno com os pais de alunos tanto que estão estudando no município quanto no estado. Em relação ao professor conversar com os próprios pais sobre problemas que envolvam seus filhos, o pai D tem toda razão, pois a escola tem de confessar algo dos alunos é para os próprios pais, não para qualquer um que não tem nada a ver com o educando. Participar de uma escola é difícil mesmo, só que é o mínimo que podemos fazer para que um dia eles possam se transformar em cidadãos críticos e lutadores.

A mãe D registrou o interesse dela e do esposo em participar das aulas e ver como estão os estudos dos seus filhos: “Eu e meu marido cunvessa pra hora ou eu ou ele ta indo assisti cuma eis estuda”. O pai J diz que apesar de às vezes esquecer as reuniões, ele tem o dever de lembrar, pois entende que “é muncho importante os fios da gente formar e tê um imprego e o que nós pode dar pra eis nu fututro é um imprego”. Este pai revela sua preocupação com a vida profissional dos filhos e aponta a escola como um caminho para o sucesso. Este pai, apesar de possuir pouco letramento escolar, associa este letramento à ascensão social. O pai ainda afirma que o estudo dos filhos é muito importante, pois acredita na formação do filho, assim, a escola precisa se unir com os pais dando o máximo de apoio.

O pai JJ entende que é muito importante que a escola conheça cada pai, comunicando e levando até os mesmos os fatos acontecidos na escola referente aos seus filhos. A participação dos pais é um dos pontos mais importantes que pode acontecer na escola, sem a ligação dos pais à escola não há como esses alunos terem um bom rendimento. No entanto a porta da escola precisa ser aberta para os pais. “É os professo ter mais contato cum os pai avisando a reunião escolar e ter reunião na escola que quais num tem. Antigamento sempre os pai ia, hoje caiu muncho, tantas as reunião e os pai”.

Percebemos, na nossa pesquisa, que ainda há muitas falhas na participação dos pais, pois nem sempre que são convidados vão às reuniões. Quando os pais têm um processo de acompanhamento nas tarefas de casa e comparecem às reuniões, os alunos têm melhor desempenho.

4.6 COMO OS PAIS VEEM A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA PARA OS SEUS FILHOS.

Nesta seção, gostaríamos de descobrir como os pais veem a importância da leitura e da escrita na vida dos seus filhos. Perguntamos-lhes: É importante seu filho saber ler e escrever? Por quê? Para o pai D é muito importante que seus filhos saibam ler e escrever, pois uma das formas que os filhos têm de não ficar trabalhando no sol, igual os seus próprios pais, é levando em frente seus estudos, não deixar que nada venha atrapalhar a formação dos filhos. “Eu acho muncho importante, hoje graça alguns professo, meus fios todo sabe lê e escrever. Pra eis num ficar no sol igual eu fico pra dá eis o comê” (PAI D).

Para a mãe D, é bom que os filhos saibam ler e escrever, pois ela possui pouca leitura, e eles, com o domínio dessas ferramentas, ajudam os pais no dia-a-dia. “É muncho bom porque eu sei lê bem ruizim e minha fia já sabe lê. Quando nois vai a cidade, ela já dá conta

de escrever o que nois vai comprar”. Para a mãe D o fato de sua filha saber ler e escrever e já conseguir fazer uma lista de compras demonstra apropriação do letramento escolar a serviço da vida cotidiana.

O pai J registra a importância da leitura e da escrita para que os filhos não dependam da leitura de outras pessoas. “Foi muncho bom eis aprende lê e escrever. Pruque a gente num fica dependeno de tudo mandá os oto escrevê e lê”. Diante do que o pai J expôs, é vista a necessidade do letramento escolar na vida de qualquer um sujeito. O letramento é uma forma de cada sujeito perceber o quanto as práticas de leitura e escrita fazem parte de nossa vida.

O pai JJ tem a mesma concepção que o pai J, percebendo a leitura e escrita para os filhos terem outros conhecimentos. De fato, a leitura e a escrita possibilitam às pessoas outros conhecimentos e outras formas de ser e agir no mundo.

Percebi, no meu papel de pesquisadora, que a participação dos pais na escola é de fundamental relevância para a construção do aprendizado. Entretanto, para que a escola e a família tenham uma relação de constante diálogo é preciso que tanto uma quanto outra instância estejam abertos a ouvir e superar seus limites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar aqui, na Licenciatura em Educação do Campo da UnB, pude entender a importância que este estudo trouxe em minha vida. Os docentes da LEdoC me fizeram perceber que nosso objetivo é sairmos formados e preparados para atuarmos nas escolas do campo, onde vamos poder formar cidadãos críticos que lutam pelo seu espaço.

Este curso me fez pensar na possibilidade de escolher um tema que me ajudasse a enxergar os problemas que realmente estavam me incomodando muito, e antes de estar aqui não sabia como resolvê-los. Eu cheguei à universidade com uma visão pequena, mas a LEdoC me proporcionou conhecimentos que hoje já estou buscando ampliar não só na sala de aula, mas na comunidade. Os docentes do curso são muito importantes porque trabalham não só com a teoria, mas com a prática. Isso nos faz gestores capazes de lutar e assumir as escolas do campo em nossas comunidades.

Olhando bem minha chegada aqui, ainda carrego comigo algumas dificuldades de escrita, contudo, nem tudo é melhorado de uma vez. A continuação dos estudos será um caminho para aprimorar meus conhecimentos. Além disso, o curso nos ensina a viver coletivamente.

É relevante destacar que após a realização das entrevistas com os meus colaboradores, foi possível observar uma mudança quanto ao envolvimento dos pais já na primeira reunião. Nesse contexto, verificou-se que de um total de 25 pais de alunos da escola que foram convidados para a reunião, 23 compareceram. Isso ajuda a entender a relevância da própria ação da pesquisa realizada, pois o fato de ter ido de casa em casa conversando com os pais a respeito da importância deles na escola gerou um efeito positivo, a lembrança do compromisso com a formação escolar dos filhos.

REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Denise Pimentel; SOUZA, José Maria Pacheco de; HINNIG, Patrícia de Fragas. **População, amostra, variável, coleta de dados, apuração de dados e apresentação tabular**. FSP/USP. HEP 103-Bioestatística aplicada a Nutrição – 2010. Disponível em: http://www.fsp.usp.br/hep103/Apostila_2011.pdf. Acesso em: 02 abril 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemu na escola, e agora?: Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005

_____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008, 135p. (Série Estratégias de Ensino, n.8).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Presença pedagógica. Diálogo entre a Universidade e a Educação Vásica para a formação do professor. V. 20, n. 120.- Nov/ dez, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Cartilha escola: escola. **Como participar da vida escolar de seus filhos**. Ministério da Educação; PDE; Conic; Clai; CNBB; Unesco; Todos Pela Educação; alfabetização; Meta 2; ler; escrever; cartilha; Todos Pela Educação. 2008. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br//arquivos/biblioteca/928fa4e2-7236-4ce7-b83e-48c65fcd23b1.pdf>. Acesso em 01/12/2015.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto Constitucional promulgado em 05 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 64/2010 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal. Subsecretarias de Edições Técnicas, 2010, 104p.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**. IN: Caldart Roseli Salete [ET AL]- Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 259- 267.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família–escola. Revista Brasileira de Educação, no 25, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a08.pdf>. Acesso em 01/12/2015

FIALE, Luciana Amaral. **Fracasso Escolar: Família, escola e a contribuição da Psicopedagogia**. UNIFAI. Disponível em: www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/7559/7383. Acesso em: 30 Dez. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa?** 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas/SP: Unicamp, 2005.

MAGALHÃES, Isabel (org). Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Proformação (Programa de Formação de Professores em Exercício). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/proformacao-programa-de-formacao-de-professores-em-exercicio/>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

MST, Setor de Educação (orgs). ITERRA – Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária. Caderno de Educação nº 13. Edição especial. **Dossiê MST Escola. Documentos e estudos 1990 – 2001**. Cromossete, 2005.

NETO, Álvaro Rego Millen (et al.). **Evasão Escolar e Desinteresse dos Alunos nas Aulas de Educação Física**. , Goiânia: Pensar a Prática, v. 13, n. 2, p. 115, maio/ago. 2010. Disponível em: http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos_cientificos/alunos/pos_graduacao/18.pdf. Acesso em: 30 Dez. 2014.

PEZZINI, Clenilda Cazarin. SZYMANSKI, Maria Lidia Sica. **Falta de Desejo de Aprender: Causas e Consequências**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2014.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 25 nov. 2014.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social: Capítulo 6 - Letramento(s) — Práticas de letramento em diferentes contextos** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

APÊNDICE I – PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

**QUESTIONÁRIO – PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS
FILHOS – ESCOLA SANTO ANTÔNIO (VÃO DE ALMAS)**

Olá, sou Maria Santos (Mariza), estou realizando uma pesquisa para a produção do meu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, ministrado pela UnB, cujo tema é “**Participação dos pais na educação dos filhos**”. Para isso, gostaria de contar com a sua colaboração para responder a algumas perguntas:

PERGUNTA DE FILTRO: Você tem filhos que estudam na Escola Santo Antônio (Vão de Almas) ?

Sim. Quantos?_____ Não

I-DADOS SOCIOECONÔMICOS

Nome:_____

Idade:

Até 20 anos

Entre 20 e 40 anos

Mais de 40 anos

Sexo: Masculino Feminino Outro

Estado Civil: Solteiro(a) Casado(a) Divorciado (a) Viúvo (a) Outro

Raça: Negro/a Branco/a Pardo/a Amarelo/a Índio Outro

Grau de Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto Ensino Superior completo

Pós-graduação (Lato-sensu) Pós-graduação (stricto-sensu)

Você reside em:_____

Profissão:_____

Rendimento:

Não tenho renda

Menos de um salário mínimo

Até um salário mínimo

- Até dois salários mínimos
- Entre dois e cinco salários mínimos
- Mais de cinco salários mínimos

INFORMAÇÕES DE CAMPO – (anotadas e gravadas)

1 - Você costuma ir na escola onde o seu filho estuda?

- Sim Não.

2 – Com que frequência você vai a escola do seu filho?

3 – Qual foi a última vez que você participou de uma reunião na escola?

4- Você já foi convidado para ir a escola acompanhar o aprendizado de seu filho?

- Sim Não
-

5-Quem fez o convite e de que forma este foi feito?

5 – Quais são os principais obstáculos encontrados por você no momento de participar das atividades que a escola promove ao seu filho?

6 – Você acha que a escola incentiva os pais a participarem da educação dos filhos na escola?

7 – O que você acha que a escola pode fazer para melhorar a participação dos pais na educação dos filhos?

8 – O que você pode fazer para participar mais da educação dos seus filhos?

9 – Você já ouviu falar em letramento?

Sim Não

Se sim, o que é letramento em sua percepção?

10 – Você acha que pode contribuir com os letramentos que obteve para a formação escolar de seu filho?

Sim Não

11 – Dê mais sugestões sobre formas de trabalhos na escola que podem envolver mais os pais na educação dos filhos:
